

Coimbra, 8 de junho de 1964

Querida Camila, escrevo-lhe com saudade esta carta.

Que não seja motivo de preocupação excessiva. Não a quero também assustar ou ocupar pois conheço tão bem as suas obrigações. Mas querida irmã, as suas palavras e sabedoria fazem-me falta.

Como sabe, a minha Inês estava grávida no ano passado, pela altura da correspondência que lhe enviei.

Acredito que entende o tempo natural destas coisas e por isso agora lhe confirmo que no dia 22 de março nasceu a Carolina Soares Esteves, sua sobrinha. Vinha com muito cabelo, olhos castanhos carregados e felizmente perfeita. Parecida com aquela fotografia sua que a mãe tinha na gaveta do quarto.

A Inês teve um parto normal e encontra-se bem, tirando o cansaço que se acumula. E é mesmo por isso que lhe escrevo, esperando que entenda o meu desespero.

Estamos todos de saúde, mas sinto estar a falhar às exigências do momento. Continuo lá na cancela, cada vez mais automotoras na linha, trabalho muitas horas, mas disso não lhe conto novidades.

Envio-lhe esta carta movido pela inquietude desta nova responsabilidade de ser pai. Tantas vezes me lembro da nossa querida mãe com o João no colo, enquanto o baloiçava, você aquecia o leite para o pequeno e fazia a sopa do jantar. Onde estava eu nesse instante em que aprendeu a cuidar de todos, Camila? Por que não terei aprendido a dominar esses afazeres para agora saber cuidar da querida Carolina que aos poucos se vai tornando menos frágil?

É verdade que já vou sabendo mudar a fralda, mas nem queira saber a atrapalhação que sinto! E nas tantas outras coisas que me faltam aqui por casa. Passam mais comboios aqui que na estação!

Todos os dias há roupas para lavar, as fraldas enchem o tanque, a comida para fazer, a horta para cuidar, o milho para moer, os choros da pequena que nunca consigo calar. E eu que sou tão pouco útil nestas habilidades. Até mesmo ao pegar na Carolina me dão tonturas com medo de a deixar cair. Tenho sonhado muito com isso. Quase todas as noites acordo sobressaltado. E temo agora que as minhas mãos grandes não sejam assim tão seguras.

A Inês vai cansada e triste. Nos últimos meses não lhe sobra tempo, ainda com idas ao paço ajudar a mãe dela que precisa cada vez de mais cuidados. Vive irritada e eu também, ainda que na maior parte das vezes comigo mesmo. Mesmo tentando, não sei ajudar.

P.S. Camila, talvez aí nos Estados Unidos me encontre uma formação daquelas só sobre responsabilidades. Sobre amor não preciso, amo por inteiro, não sei amar às metades.

Do seu irmão que muito a estima,
Rodrigo Matos Esteves.